

VIOLÊNCIA CONTRA O IDOSO NA FAMÍLIA: HÁ SOLUÇÃO?

Cirlene Francisca Sales da Silva¹
Cristina Maria de Souza Brito Dias²
Erideise Gurgel da Costa³
Daniely da Silva Dias Vilela⁴

RESUMO

O presente estudo objetivou compreender a dinâmica da violência contra a pessoa idosa na própria família e, mais especificamente, analisar uma intervenção que venha a contribuir para minimizar este mal que assola a maioria de idosos que vivem com suas famílias. Para tanto, foi realizada uma intervenção psicoeducativa junto aos agressores (filhos-as, noras-genros, sobrinhos-as), no Juizado Especial Criminal do Idoso e na Vara de Violência Doméstica e familiar contra a Mulher no Recife/Pe. Os resultados foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo temática. Estes resultados, análise e discussão, apontaram indícios dos agressores ressignificarem a ação da violência contra o seu familiar idoso, no sentido de entenderem que, apesar da maioria deles, terem em outro momento da história de vida sofrido agressão por parte dessa pessoa que hoje é idosa, a pessoa idosa nesta fase da vida está mais frágil e vulnerável em todos os aspectos (biopsicossociais), e, precisam do apoio, acolhimento e compreensão dos mais jovens, principalmente dos familiares, que incluem os agressores. Para além dessa reflexão, é importante pensar que nada justifica a violência. Pois este ato leva muitos idosos a ficarem com a saúde mental e física seriamente prejudicada, quando não culmina com a morte.

Palavras-chave: Idoso; Família; Violência; Intervenção Psicoeducativa.

INTRODUÇÃO

O Brasil, em 2025, será o sexto país no mundo em número de idosos (CAMARANO, 2004; OMS, 2015; ONU, 2017). Por sua vez, a longevidade vem promovendo alterações substanciais em múltiplas dimensões da vida e, particularmente, nas relações familiares e extrafamiliares (D'ALENCAR, 2012). Por vezes, o idoso não compreende o jovem, ou o jovem não compreende a complexidade da velhice, emergindo um choque entre as gerações (CÔRTE; FERRIGNO, 2016). Choque este, que aponta para um índice preocupante, 90% dos idosos que moram com família sofrem algum tipo de violência (MINAYO, 2018).

¹Prof^a Dr^a em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cirlene.silva@unicap.br;

²Orientadora Prof^a Dr^a em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cristina.msbd@gmail.com;

³Prof^a Dr^a em Otorrinolaringologia - Universidade Católica de Pernambuco, erideise.costa@unicap.br;

⁴Mestranda em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, danielydiasvilela@gmail.com.

Este estudo faz parte da tese de doutorado da primeira autora. A pesquisa foi financiada pela CAPES.

Daí então, nos emerge, o que vamos fazer com isso? Deixar as pessoas idosas no profundo caos de dor e sofrimento pelas violências sofridas? Face ao exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a dinâmica da violência contra a pessoa idosa na própria família e, mais especificamente, analisar a possibilidade de uma possível intervenção que venha a contribuir para minimizar este mal, que assola a maioria de idosos que vivem com seus familiares.

METODOLOGIA

O método qualitativo foi o selecionado para realizar a pesquisa. Ele responde a questões muito particulares uma vez que trabalha com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2008, p. 21).

Participantes

Foram abordados treze familiares que foram alvo de denúncia de praticar violência contra seu (sua) idoso (a) no Juizado Especial Criminal do Idoso e na I Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ambas localizadas na Cidade do Recife.

Para cada participante do estudo foi atribuído um nome fictício com o objetivo de manter o sigilo sobre sua identidade. A pesquisadora utilizou o nome de flores para substituir o nome original.

Instrumentos

Foram utilizados:

1. *Questionário com dados sociodemográficos*, composto de informações sobre o familiar e sobre o idoso.
3. *Intervenção psicoeducativa* composta de oito sessões. Dessa forma, foram abordados os seguintes temas: *1ª sessão*: conhecimento mútuo; e aula expositiva sobre o processo de envelhecimento humano; *2ª sessão*: aula expositiva sobre violência e como preveni-la; *3ª sessão*: aula expositiva sobre relacionamento familiar; *4ª sessão*: aula expositiva sobre habilidades de comunicação; *5ª sessão*: aula expositiva sobre direitos do idoso; *6ª sessão*: aula expositiva sobre as necessidades sentidas pelos participantes (escutar as necessidades sentidas e preparar assunto concernente para *7ª sessão*); *7ª sessão*: aula expositiva sobre fontes de

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

apoio às necessidades sentidas; 8ª sessão: aula expositiva sobre a importância do cuidado pessoal (autocuidado); avaliação da intervenção pelos familiares denunciados por agressão; e encerramento.

3. *Roteiro de entrevista semi-estruturado pós-intervenção.* Ela teve o objetivo de avaliar os efeitos da intervenção psicoeducativa, comparando a concepção dos fenômenos do envelhecimento e agressão por parte dos participantes antes e depois da intervenção; ela ficou composta de cinco perguntas: 1. Após nossos encontros como o (a) senhor (a) percebe o processo de envelhecimento e suas consequências sobre a vida do idoso e da família? O que mudou na sua forma de ver de antes para agora?; 2. Dos assuntos abordados, qual o que mais lhe chamou a atenção, lhe tocou?; 3. O que o senhor (a) não faria mais em relação ao idoso? 4. O que o senhor (a) faria?; 5. Qual a mensagem que o senhor (a) gostaria de deixar para os familiares denunciados por agressão contra o idoso?

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente foram solicitadas autorizações nas Instituições judiciárias que foram utilizadas como cenário para realização da pesquisa: Juizado Especial Criminal do Idoso e I Vara de Violência Doméstica e Familiar contra Mulher. Em seguida, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNICAP/Plataforma Brasil com o número de parecer 206.785.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética, a pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, que foi realizada em duas etapas. A primeira etapa no Juizado Especial Criminal do Idoso, e a segunda etapa na 1ª Vara de Violência Doméstica e Familiar contra Mulher do Recife.

A coleta de dados obedeceu às seguintes etapas: 1) aplicação individual do questionário com dados sociodemográficos; 2) a entrevista individual pré-intervenção; 3) realização da intervenção psicoeducativa (composta de oito sessões e em grupo), e, por fim, entrevista individual pós-intervenção.

Procedimento de análise dos dados

Após a coleta e categorização dos dados, passou-se à análise de conteúdo dos resultados. Conforme Minayo (2010, p.57), a expressão mais comumente usada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa é *Análise de Conteúdo*. No entanto, a expressão significa mais do que um procedimento técnico, faz parte de uma história, busca teórica e prática no campo das investigações sociais. De acordo com a autora (2010, p.

316-318), fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1 Questionário Sociodemográfico

Os participantes denunciados por agredir seu parente idoso (a) tinham *idades* entre 27 a 63 anos, com média de idade de 44 anos. Tal resultado, em parte, contradiz a literatura quando refere que a faixa etária dos agressores compreende as idades entre 29 e 45 anos, sendo o limite não superior a 49 anos.

O grau de parentesco predominante dos agressores foi o de filhos/filhas (6) seguido de genros/nora (3), corroborando com o que sinalizam as pesquisas nacionais e internacionais que revelam que 2/3 dos agressores são filhos. Em seguida, por ordem de frequência, aponta-se que noras/genros estão em segundo lugar.

O grau de escolaridade predominante foi o ensino médio completo (5) seguido do ensino superior completo e incompleto (4).

As profissões foram variadas, predominando a de doméstica. Oito estão trabalhando, mas cinco estão desempregados. Isso se associa à renda familiar, que consistia, na sua maioria, de dois salários mínimos.

O estado civil predominante foi casado (a), independente de ser união legalizada ou estável (10).

Em síntese, constatamos que os dados obtidos através do questionário sociodemográfico, quanto ao perfil do agressor, confirmam vários achados de estudos realizados anteriormente (MINAYO, 2008; FALEIROS; BRITO, 2009).

2 Intervenção Psicoeducativa/Psicoeducacional

Foi implementado a intervenção psicoeducativa que teve a duração de dois meses, com uma sessão semanal de duas horas de duração, e dela participaram sete pessoas, das 13 que haviam sido denunciadas por agressão ao idoso:

Primeira sessão: propôs-se, para os participantes, a questão sobre a percepção do que é ser idoso. As respostas predominantes disseram respeito ao “idoso como pessoa vulnerável

pela idade sem condições de se defender”. Contudo, “o fato de ser velho não quer dizer que melhorou de comportamento” nos sentidos afetivo e relacional, e ainda, que “faz as coisas erradas e se passa por bonzinho”. Acerca dessa compreensão de ser idoso Côrte (2010), Novo e Lopes (2010) confirmam essas possibilidades. Vale ressaltar a afirmação de Neri (2013) e propor uma visão mais ampla da pessoa idosa, que tende a ter os mecanismos fisiológicos subtraídos pelo envelhecimento, provocando um declínio físico e cognitivo, podendo contribuir para a labilidade afetiva do idoso, doenças demenciais as quais podem levar o idoso a agredir.

A *Segunda Sessão* teve como objetivo refletir sobre o processo de envelhecimento humano. Por fim, foi solicitado que comentassem o que foi vivido. As falas destacadas na apresentação dos resultados mostram que parece ter sido alcançado o objetivo da sessão. Figueiredo et al. (2009) pontuam que educar pacientes, cuidadores, familiares, entre outros, torna-se fundamental, pois as informações sobre a patologia, ou o estado psicoemocional das pessoas com quem eles se relacionam, contribuem para que identifiquem os pensamentos e comportamentos distorcidos que geram aflição e sofrimento. Tal intervenção se torna cada vez mais relevante à medida que há carência de informações básicas ou treinamento formal adequado aos familiares e à comunidade para o enfrentamento diário adequado das situações.

Na *Terceira Sessão* o objetivo se constituiu em tornar acessível o conhecimento sobre o que é violência contra o idoso, de acordo com o Estatuto do Idoso (2003), e como preveni-la através de estratégias de resolução de conflitos. Ao final da sessão, pediu-se que os participantes caracterizassem o que eles passaram a entender como violência contra o idoso, tendo os mesmos se posicionado de forma a caracterizá-la como desamor, incompreensão, frieza, indicando parecer terem compreendido que não é a solução para os conflitos. Segundo Melman, Ciliberti, Aoki e Junior (2010), os ofensores precisam de ajuda e de muita empatia para deixarem de agir com violência

A *Quarta Sessão* teve como objetivo ratificar a importância das relações familiares, comentando estratégias que podem ser utilizadas para sua melhoria. Foi perguntado aos participantes sobre como entendiam o relacionamento familiar. Sobressaíram as falas: ter paz, amor, respeito pelo outro, para se viver em paz. Também foi enfocada a importância da comunicação para o bom entendimento entre as pessoas e apresentadas várias estratégias para melhorá-las. Zimmerman (2000), a este respeito, pontua que, muitas vezes, os jovens olham o velho, mas não o enxergam, não o acolhem. Não compreendem que ele, além de ser de outra época, tem outro ritmo, outra maneira de pensar, agir, locomover-se, aprender e adaptar-se a

mudanças. Isso nos leva a pensar que muitas coisas, que para os jovens, são simples e corriqueiras, para os velhos, tornam-se complicadas. E isso dificulta uma boa relação. Se nos colocarmos um pouco no lugar deles, veremos como podemos evitar problemas para toda a família com atitudes simples. A falta de comunicação é o mal maior de nossa sociedade e atinge qualquer idade e faixa social.

Numa perspectiva sistêmica, as relações familiares e suas dificuldades passam a ser compreendidas com um envolvimento de todos os seus membros em um processo circular. A *transmissão multigeracional*, compreende a família como possuidora de uma história que extrapola a família nuclear e envolve também a família extensa. Significa que as dificuldades relacionais da família precisam ser entendidas como uma sequência multigeracional em que todos os membros da família são agentes e reagentes.

Na *Quinta Sessão*, o objetivo foi informar aos participantes os direitos do idoso de acordo com o Estatuto do Idoso, com a finalidade de oferecer esclarecimentos sobre os benefícios a que os idosos têm direito. A pesquisadora entregou para cada participante uma cartilha com os Direitos do Idoso. Ao final, pediu-se que comentassem o que fora discutido de acordo com a visão ampliada do que significam Direitos do Idoso. Embora a maioria tenha demonstrado compreensão sobre esses direitos, criticaram a falta de conhecimento sobre eles e a dificuldade na sua implementação.

Na *Sexta Sessão*, o objetivo foi escutar as necessidades dos participantes, promover acolhimento, apresentar as fontes de apoio a essas necessidades, e fazer os encaminhamentos necessários. Sobre as necessidades, foram elencadas por eles as de serviço especializado com profissionais capacitados que, antes de julgar, procurassem compreender o contexto. Outra fala que predominou disse respeito à necessidade de afeto e acolhimento inexistente do idoso em relação ao agressor, e de como agir com seu idoso, porque, às vezes, ele provoca. Também foi falada a necessidade de terapia familiar para os agressores e familiares na qual eles poderiam se instrumentalizar para resolver seus conflitos.

Na *Sétima Sessão*, o objetivo foi conscientizá-los da necessidade de cuidar de si. Foi realizada uma apresentação sobre temas abordados por eles nas sessões anteriores, com o intuito de sanar suas dúvidas e questionamentos sobre doenças as quais tinham curiosidade de saber para promover a prevenção. Especialmente foi falada a possibilidade de essas doenças influenciarem o estado de humor dos idosos.

E, na *Oitava e última Sessão*, primeiro foi aplicado, individualmente, o questionário pós-intervenção no qual foi feita uma avaliação da experiência. Posteriormente, reuniu-se o grupo e fez-se uma avaliação acerca da intervenção e das suas repercussões na vida dos participantes.

É importante salientar que observamos na sua fala e postura indícios de mudanças em relação à pessoa idosa. Além disso, mostraram-se mais compreensivos com o (a) idoso (a), melhorando a relação que tinham anteriormente com ele (ela). Os participantes também estabeleceram amizades entre si.

Nesse sentido, visualizamos, a partir da intervenção, resultados que corroboram com a literatura: melhora do bem-estar dos participantes; aumento do uso de estratégias de enfrentamento; diminuição de pensamentos disfuncionais; aumento do conhecimento sobre os serviços disponíveis; melhora da autoeficácia; e aumento de habilidades para lidar com o idoso (DIAS; FONSECA; MUNIZ; SILVA, 2013; LOPES; CACHIONI, 2012).

4. Entrevista pós-intervenção

Foram feitas quatro questões após a intervenção psicoeducativa, que serão analisadas e discutidas a seguir.

Primeira pergunta: em resposta à questão sobre possíveis *mudanças ocorridas* nos participante a partir da intervenção, pareceu-nos que eles compreenderam melhor a complexidade do envelhecimento, ao serem informados sobre como se dá esse processo, caracterizado por uma crescente fragilidade e conseqüente vulnerabilidade, à medida que a idade avança.

Na *segunda pergunta* sobre a *temática abordada que mais sensibilizou* os participantes, obtivemos como respostas mais frequentes os direitos do idoso e o processo do envelhecimento. Sobre os direitos do idoso argumentaram que não sabiam que este possuía tantos direitos, e que passaram a conhecê-los, minuciosamente, a partir da sessão que abordou esse tema. E quanto ao processo do envelhecimento, verbalizaram sentirem-se tocados, passando a olhar o velho com mais respeito e também como pessoa vulnerável (Neri, 2013). Nesse sentido, destacamos que, de certa forma, a visão dos agressores lhes permitiu enxergar a mudança ocasionada pela longevidade e a conseqüente necessidade de adaptabilidade à mesma. Segundo Bertalanffy (2008), *mudança e adaptabilidade* são propriedades que permitem restabelecer o equilíbrio do sistema familiar.

Na *terceira pergunta* em relação à questão sobre *o que não fariam mais*, as respostas que predominaram se referiram a não morar com o idoso, contradizer, discutir; refletir antes para não cometer violência contra o idoso. Disseram que mesmo que o idoso se mostre inflexível, o respeito precisa ser mantido, embora à custa da humilhação sofrida ao ser provocado por ele ou por histórias de violência sofridas anteriormente.

Na *quarta pergunta*, na questão sobre *o que gostaria que fosse feito*, sobressaíram as respostas que dizem respeito a solicitar uma lei para a criação de cursos e treinamentos que orientem as pessoas a conviver e cuidar de idosos. Faleiros (2013), acerca dessa demanda, relata que conforme “o mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal e nos Territórios”, há uma demonstração clara da necessidade de orientar familiares dos idosos sobre as mudanças provocadas pelo envelhecimento e a importância do suporte estatal para a prevenção dessa forma de violência.

Sobre *o que pretende fazer daqui para frente em relação ao idoso* ratificaram que tentariam agir com diálogo, não provocar o idoso, ter paciência, até porque, um dia, iriam ficar velhos também (SOUZA; FREITAS; QUEIROZ, 2007). Significa dizer que nos parece terem conseguido internalizar o objetivo da proposta da Intervenção Psicoeducativa, observando o fenômeno de forma sistêmica sem culpabilizar o idoso ou a si mesmo.

Em linhas gerais, a *avaliação dos efeitos da intervenção psicoeducativa*, no grupo dos participantes “agressores”, parece-nos ter representado uma pequena semente que pode produzir maior efeito a longo prazo. No capítulo a seguir, iremos tecer considerações sobre o estudo realizado.

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo objetivou compreender a dinâmica da violência contra a pessoa idosa na própria família e, mais especificamente, analisar a intervenção psicoeducativa como instrumento propiciador, para minimização deste mal, que assola a maioria de idosos que vivem com suas famílias. Pois ficou claro, a partir da literatura explorada, que é preciso combater as causas e modificar as circunstâncias que favorecem a violência, para minimizá-la. Não bastando denunciar ou punir o agressor, porque ele sempre volta para junto da vítima, mantendo o ciclo vicioso da violência doméstica. Mas sobretudo, implementar uma rede social de proteção que seja capaz de amparar não apenas o idoso, mas também o agressor.

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

Desse modo, a partir dos resultados obtidos, percebeu-se os frutos que a intervenção psicoeducativa pode possibilitar na construção de um olhar mais digno acerca do idoso agredido e do agressor, os entendendo de forma sistêmica. No entanto, faz-se necessário novas pesquisas que aprofundem a temática, no afã de construir uma sociedade mais justa para todos os envolvidos no fenômeno da violência familiar contra a pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60.** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004.

CÔRTE, B.; FERRIGNO, J. C. **Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações.** In E. V. Freitas; L. PY (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan, 2016.

D'ALENCAR, R. S. (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences** (UEM), v.34, n.1, p. 9-17, 2012.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIAS, C.M.S. B., FONSECA, C.M.S.M. S.; SILVA, C.F.S.; MUNIZ, F.M.R.P. **Uma intervenção psicoeducativa com avós guardiãs apresentando ansiedade e/ou depressão.** In Féres-carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: transmissão, conflito e violência.* (pp.53-72). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FALEIROS, V. P. **O mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal.** Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Brasília, DF: MPDFT, 2013.

FALEIROS, V. P.; BRITO, D. O. **Representações da violência intrafamiliar por idosos e idosos.** In V. P. Faleiros; A. M. L. Loureiro; M. A. Penso (Orgs), *O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa.* (pp.2-19). São Paulo, SP/Brasil: Roca, 2009.

Figueiredo, A. L.; Souza, L., Dell'áglio, J. C., Jr.; Argimon, I. I. L. O uso da psicoeducação no tratamento de transtorno bipolar. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, 11(1), 15-24, 2009.

LOPES, L. O. **Impacto de uma intervenção psicoeducacional sobre o bem estar subjetivo de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer.** (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

LOPES, L. O.; CACHIONI, M. Intervenções psicoeducacionais para cuidadores de idosos com demência: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria.** 61 (4). Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. (83) 3322.3222

Janeiro, 2012. Resgatado em 15 de novembro, 2013 de <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v61n4/09.pdf>.

MELMAN, J., CILIBERTI, M. E., AOKI, M.; JUNIOR, N.F. **Políticas Públicas para Superação da Violência Contra a Pessoa Idosa: o desafio para construção de uma cultura de paz.** In Berzins, M. V.; Malagutti, W. *Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice* (pp.309-328). São Paulo: Martinari, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S. Violência e maus-tratos contra a pessoa idosa: é possível prevenir e superar. In T. Born (Org.). **Cuidar Melhor e Evitar a Violência – Manual do Cuidador da Pessoa Idosa.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, (pp.38-45), 2008.

MINAYO, M. C. S. (2010). **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec.

MINAYO, M. C. S. **O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão.** *GEPeSP* entrevista, 2018. Recuperado de <https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized>. Acesso em: 10/05/2019.

NERI, A.L.; VIEIRA, L.A.M.; ARAÚJO, L.F. Arranjos domiciliares, suporte social, expectativa de cuidado e fragilidade In: Neri, A. L. (Org.). **Fragilidade e Qualidade de Vida na velhice.** (pp.267-282). Campinas, SP: Editora Alínea. Coleção Velhice e Sociedade, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. Portal Brasil. **Relatório mundial de saúde e envelhecimento,** 2015. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843> Acesso em: 10/05/2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050,** 2017. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/paises-dos-brics-terao-940-milhoes-de-idosos-ate-2050/> Acesso em: 10/05/2019.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre/RS: AMGH, 2013.

SOUZA, J. A. V.; FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A. Violência contra os idosos: análise documental. **Revista Brasileira de Enfermagem** (Brasília), v.60, n.3, p.535-540, 2007.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: Aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: Artmed, 2000.